



REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS DA MORAL MANIFESTA NA ALMA: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA COMPLEXA

SÁVIO MOREIRA DE BORBA¹

Resumo: O presente artigo busca discorrer sobre a Moral em Psicologia Complexa, uma força psíquica a ser descrita por suas características impessoais e seu potencial neurótico. O destaque é dado para uma apreciação científica funcional, não cabendo à Psicologia estabelecer (em conteúdo) um sistema moral universal. Visto que é energia psíquica, a Moral é imanentemente dirigida para um fim. Em tal percurso, cada sujeito se mostra adequado a determinada moralidade, uma relação que pode ser estável ou conflituosa. Neste caso, a neurose recorrentemente se estabelece em virtude da infração de uma Lei interior. O conflito se arma a partir da unilateralidade da consciência em detrimento do significado e finalidade do conteúdo. Para a questão neurótica, o Método Junguiano acrescenta um parâmetro descritivo-funcional de uma moral mais condizente consigo mesmo. Para uma superação no estado neurótico, é necessária que a cisão seja reconhecida e esclarecida, em uma regressão da libido, além de reconciliada simbolicamente em um confronto moral.

Palavras-chave: Moral. Psicologia Complexa. Neurose. Psicologia Clínica.

1 Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (PPGL/UFAM), graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Analista, pesquisador, professor, supervisor e palestrante nos temas: Psicologia Complexa, Mitologia Comparada, Literatura, Mitologia Contemporânea, Cultura Pop. Endereço eletrônico: deborba.savio@gmail.com.

PSYCHOLOGICAL REPERCUSSIONS OF THE MANIFESTED MORALITY IN SOUL: CONTRIBUTIONS FROM THE COMPLEX PSYCHOLOGY

Abstract: This article seeks to discuss Moral in Complex Psychology, a psychic force described here by its impersonal characteristics and its neurotic potential. The highlight is given to a functional scientific appreciation. It is not for Psychology to establish (in content) a universal moral system. Since it is psychic energy, Moral is immanently directed towards an end. In this path, one is compatible to a certain morality, a relationship that can be stable or conflictive. In the conflictive case, the neurosis recurrently is established due to the violation of an inner Law. The conflict arises from the unilateral nature of the conscience, excluding the meaning and purpose of the content. For the neurotic issue, the Jungian Method adds a descriptive-functional parameter of a morality more consistent with the Self. In order to overcome the neurotic state, it is necessary the split to be recognized and clarified, in a regression of the libido, in addition to being symbolically reconciled in a moral confrontation.

Keywords: Morality. Complex Psychology. Neurosis. Clinical Psychology.

"A Verdade é aquilo que lhe dá o sofrimento mais adequado para você não se tornar arrogante."

(Fullmetal Alchemist)

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vida, Carl Gustav Jung (1875-1961) elaborou a Psicologia Complexa a partir de sua Clínica e de seus estudos em Filosofia, Antropologia e Psicologia (Psicopatológica e Experimental). Graças a esses esforços, hoje podemos nos sustentar em um campo vasto de categorias fenomênicas que ajudam o psicólogo a se situar nas infinitamente variadas expressões da alma humana.

Na obra do psicólogo e psiquiatra suíço, cada afirmação e termo utilizados são criteriosamente definidos, além de sustentados empiricamente em sistemas

científicos, filosóficos, mitológicos ou clínicos. Todos fenômenos decorrentes do funcionamento psíquico geral humano.

Nesse sentido, o presente artigo busca precisar o que Jung refere por Moral em sua Psicologia Analítica (ou Complexa). Sendo tal conceito amplamente difundido em outros saberes, por exemplo, na filosofia e no vocabulário popular; trago aqui a intenção de diferenciar o termo no que diz respeito à psicologia.

Para este campo de conhecimento, é importante que constatações universais levem a pensamentos paradoxais, visando respeitar as características de seu objeto de estudo (JUNG, 2011a, p. 309-310, §680). Assim, nem de longe cabe à psicologia estabelecer uma moralidade estereotipada; mas sim um modelo geral de funcionamento contraditório em si mesmo e com validade apenas relativa.

Quando falamos de Moral, estamos, na prática, estabelecendo uma categoria (Nominalismo Culto) de fenômenos empiricamente observáveis. Observações estas, levando em consideração a vontade consciente e os sinais inconscientes, que indicam um funcionamento psíquico tendendo a determinado ponto de estabilidade, um ordenamento subjetivo e objetivo.

Tal tendência não se mostra ao acaso. Há uma disposição para determinada finalidade nos processos anímicos.

Quando se trata de explicar um fato psicológico, é preciso não esquecer que todo fenômeno psicológico deve ser abordado sob um duplo ponto de vista, ou seja, o ponto de vista da causalidade e do ponto de vista da finalidade. É de propósito que falo de finalidade, para evitar toda a confusão com o conceito de teleologia. Por finalidade entendo simplesmente designar a tensão psicológica imanente dirigida a um objetivo futuro. Em vez de 'tensão dirigida a um objetivo futuro' poderíamos empregar também a expressão 'sentido de um objetivo a alcançar'. (JUNG, 2011a, p. 190, §456)

Quando se fala de Moral, energeticamente: uma dinâmica psíquica específica, podemos aproximar o mesmo raciocínio levantado na citação.

Em psicologia, cada sujeito se mostra adequado a determinada moral, determinada lei ou modelo de vida. Isso pode se dar de maneira estável, *i.e.*, minimamente dirigida pela consciência e não abalada por sintomas inconscientes; ou de maneira conflituosa, no qual a tensão entre as tendências conscientes (unilateralmente predispostas) e inconscientes estão dissociadas e antagônicas (JUNG 2011a, p. 68-69, §255).

Diante disso, a neurose recorrentemente se estabelece enquanto um problema moral (JUNG, 2011b, p. 49-50, §84). Mais especificamente, a ausência da questão moral vital na consciência. Isso acaba por provocar uma falta, uma vivência

omissa, uma desarmonia consigo, um logro moral (ou Ogro Moral, a depender do lapso).

Nesse caso, além de uma oposição (compensatória) das tendências conscientes e inconscientes, há um conflito que resulta em uma anulação mútua de forças psíquicas e a perda da direção do fluxo energético, da libido, no sistema.

Partindo dos conhecimentos científicos e terapêuticos acerca da alma, como sugere Jung, o que podemos contribuir para esse sujeito em conflito é ofertar um tratamento não fisiológico, mas psicológico.

Estes fenômenos [“males psíquicos”] em si representam sintomas de uma atitude errônea da personalidade global. Por isto não podemos jamais esperar uma cura completa de um tratamento limitado à doença em si mesma, mas tão somente de um tratamento da personalidade como um todo. (JUNG, 2011a, p. 312, §684)

Pois bem, o sofrimento psíquico em voga é a condição desconexa, autônoma, desprovida de sentido e inconsciente que a psicologia apelida de neurose. Esta, por sua vez, repousa em virtude da infração de uma Lei interior sem o devido tributo consciente. Portanto, nada mais justo à psicologia que ponderar tais fenômenos e discorrer considerações apropriadas a esses casos de uma personalidade adoecida.

2 APORTE TEÓRICO

É sempre pertinente notar que: ao filósofo concerne a Filosofia; ao sacerdote, a Teologia; ao artista, a Arte; e ao psicólogo, o que lhe é propriamente Psicologia.

Na Psicologia Complexa, é de suma importância o estudo nas mais variadas matérias de conhecimento humano. Entretanto, não se deve perder de vista o lugar psicológico onde nos colocamos.

2.1 ORDEM MORAL COMO DADO EMPÍRICO

Com isso em mente, a Psicologia Junguiana se vê sempre em estreita relação com o fato psicológico. Nesta questão, a moral se valida enquanto brotamento recorrente e espontâneo (social e individual), o qual influi efetivamente no dia a dia. Nesse sentido, concerne à psicologia acompanhar e refletir sobre os conteúdos psíquicos que tipicamente se configuram como Lei Moral. (JUNG, 2011a, p. 231, §528)

Algumas vezes, essa Lei Moral se apresenta de modo social (Tradição). A tradição é um fato social brotado da alma dos indivíduos e dos povos que ocasionalmente tem que se defrontar com divergências individuais. É uma Lei

cotidiana que pode inclusive ser expressa de forma escrita e constituir juridicamente as regras de convivência de determinada sociedade. Ademais, a moralidade é uma importância também psicológica individual, podendo esta se estabelecer em adequação ou em conflito com a tradição vigente.

Ora, ninguém em sã consciência verdadeiramente enfrenta a moral de seu povo sem que isso decorra de uma incompatibilidade com outra lei tão influente quanto: sua moral interior.

Isso explica tantos que pagaram preços altíssimos por não se adequarem ou se submeterem. É estar entre a cruz e a espada (dizer popular).

Diante de tal tensionamento, resta a dissolução da estagnação com uma resposta que abranja o paradoxo, atribuindo uma nova direção ao fluxo energético que supere os polos mutuamente excludentes. Por certo, uma conquista dura e amarga. Dito metaforicamente:

A consciência só pode existir através do permanente reconhecimento e respeito do inconsciente: toda vida tem que passar por muitas mortes. A provocação do conflito é uma virtude luciferina, no sentido próprio da palavra. O conflito gera o fogo dos afetos e emoções e como todo fogo, este também tem dois aspectos, ou seja, o da convulsão e o da geração da luz. [...] Por outro lado a emoção é aquele momento em que o aço ao golpear a pedra produz uma faísca: emoção é a fonte principal de toda tomada de consciência, Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção. (JUNG, 2011b, p. 102, §178-179)

É preciso algo que agrade e apascente esses dois senhores: o instinto gregário, que nos ajusta ao meio social, e o instinto de individuação, que nos pressiona a produzir algo novo/diferente, legitimar criativamente nosso próprio caminho.

2.2 MORAL TRADICIONAL E MORAL INDIVIDUAL

Tendo agora uma breve delimitação do que psicologicamente quer dizer Moral, é interessante fazer uma diferenciação pragmática: moral pública (ou tradicional) e moral privada (ou individual).

A moral tradicional é aquela transmitida socialmente pela educação/cultura. É uma rede social e psicológica.

A sociedade influi no molde psíquico individual. Em certas feitas, pessoas podem não ser vocacionadas à individualidade à ferro e fogo. Elas estão satisfeitas em ser seu papel social. Sua alma não demonstra grande interesse em se diferenciar da tradição. Nesses casos, a moral pública se adequa harmonicamente ao que essa pessoa vive, expressando-se por meio dela. Algo que não deve ser de todo inusitado,

visto que a moral hegemônica pública só assim o é pois corresponde às inclinações da maioria.

Já em outros casos, faz-se necessário um processo de diferenciação da moral pública/tradicional e a procura ou elaboração de outra.

Essas pessoas precisam passar pelo árduo trabalho de se adequar à norma de Si mesmas. Viver sua Verdade, que partiu da cultura em que está inserida e a ela retorna. Aqui é oportuno mencionar, contudo, que isso não é em si complacência com o individualismo. Enquanto energia psíquica, é a sístole e diástole do movimento de progressão e regressão da libido. Esta, voltada à adaptação ao processo de individuação, retirando energia dos objetos e reativando regressivamente as imagens potenciais no inconsciente; aquela voltada à adaptação social e ao meio, investindo energia consciente nos objetos a fim de desenvolver as atitudes selecionadas e apreendidas do Eu. Para a descrição minuciosa sobre Energia Psíquica na Psicologia Complexa, é imprescindível o livro homônimo (JUNG, 2012b).

Entrar em uma lógica de oposição e contestação social/cultural nem de longe é emancipação. Pelo contrário, é uma prisão condicionada a compulsoriamente ser o oposto daquilo que outro é. Viver em perpétua e automática negação ainda é estar, aos moldes pueris, dependente e submetido a este algo.

Individuação é desagrilhoar-se da expectativa comum e obter maior liberdade empírica em virtude da diferenciação e ampliação da consciência individual (JUNG, 2011a, p. 105-106, §344-345). Seguindo o caminho de diferenciação moral, adquire-se traços individuais. Dentre os quais, uma Lei própria, uma Moral privada/individual “gesto daquele Eu que propriamente se encontra enquanto já está em estreita relação consigo mesmo, assim como ele é (Si-mesmo)” (PIERE, 2002, p.328).

2.3 HÁ REGRAS E NÃO HÁ REGRAS

Com efeito, qualquer afirmação em psicologia só é verdadeira se, e somente se, eu puder também afirmar seu oposto (*Argumentum ad navseam* enfatizado pelo meu professor orientador). Jung, por diversas vezes, utiliza-se de afirmações paradoxais no intuito de abranger a complexidade dos fenômenos psíquicos.

Ele assevera:

Se desejarem praticar a psicologia, recomendo lhes uma frase pronunciada pelo filósofo Multatuli quer dizer, o seu pseudônimo é Multatuli . Pois este disse um dia: ‘Nada é inteiramente verdadeiro e também isso não é inteiramente verdadeiro’. Gravem bem isso! Há regras e não há regras. Na psicologia qualquer frase pode ser invertida e continua certa ou será certa apenas quando invertida, tudo depende das condições que por vezes são inteiramente imponderáveis. (JUNG, 2014, p. 57)

Antinomias em Psicologia, antinomias no campo concernente ao estudo da Moral. Desse modo, é impossível estabelecer qualquer moral que compreenda a diversidade humana, pois esta lei, psicologicamente, é fadada a coexistir com o seu antônimo, por vezes ter de necessariamente ser contradita.

O que se pode contribuir enquanto psicologia são parâmetros gerais de uma moral mais condizente consigo mesmo. Apostar no julgamento do indivíduo; deixar seu material se expressar da forma mais completa possível e avaliar seus efeitos; por assim dizer, o método junguiano (JUNG, 2013a, p. 14, §2).

Não cabe a nenhuma autoridade médica sentenciar a moral do sujeito. Este que decida por Si e pague o preço por ela. Sua homeostase psíquica avaliará o caminho; seu inconsciente, sua bússola interior, indicará o caminho de ser o que se é.

3 AFINAMENTO E DISCUSSÃO

Até então, ao leitor não deve ter passado despercebido a aproximação que foi feita dos termos Moral e Lei. Ao que se deve isso?

3.1 NEUROSE COMO DESVIO MORAL

Não é exagero quando a Psicologia Complexa eleva a moral a um estatuto de Lei psíquica (eventualmente social). É algo a ser seguido; sua infração repercute em punições. *DVRA LEX SED LEX* (ditado romano).

Tratando tal questão a partir de um caso, trago o relato de Jung em seu livro *Desenvolvimento da Personalidade* (2013b, p. 110-112, §182-183). O mesmo ocorrido é semelhantemente comentado no *A Natureza da Psique* (2011a, p. 312-314, §685-686) e no *A Vida Simbólica* (2012c, p. 146-148, §282 e 284). Nele, um jovem adulto não entende como sua profunda análise (intelectual) do Eu e o reconhecimento de conteúdos inconscientes não implica na cura de sua neurose.

Estranhamente, o que se está inconsciente para ele não são os acontecimentos em si, mas os seus respectivos valores. Ele se aproveitava do dinheiro guardado de uma pobre professora para fazer viagens luxuosas.

Ambos já tinham conversado sobre isso. Ele já possuía certa consciência disso. Não obstante, sofria de seu mal. A que Jung questionou:

‘O senhor não acha’, eu disse, ‘que explorar financeiramente essa pobre mulher poderia ser uma das razões principais pela qual o senhor ainda não está curado?’ Ele riu-se de minha alusão moral, que considerava absurda e que segundo suas idéias nada tinha a ver com a estrutura científica de sua neurose. ‘Além do mais’,

continuou, 'já falei com ela a respeito disso, e nós dois estamos de acordo que isso não tem importância'. A isso respondi: 'O senhor acha que o fato de já ter conversado sobre essa situação elimina o outro fato o de que o senhor é sustentado por uma pobre mulher? Admite o senhor que esse dinheiro que entra no seu bolso é algum bem adquirido honestamente?' (2013b, p. 111-112, §182-183)

Até então esse homem estava se debruçando sobre toda sorte de teorizações psicanalíticas de seu sofrimento. Fugia do real impacto de sua atitude aproveitadora e justificava o que fazia com desculpas intelectuais sem se preocupar com a opinião de seu psiquismo, como isso afetaria sua harmonia psíquica como um todo.

Jung se colocou diante disso da forma que achou adequado, não se dobrando aos argumentos inconsistentes que eram apresentados. A consequência foi uma explosão de afetos por parte do paciente, característica da emergência de complexos autônomos com grande carga inconsciente, uma mina explosiva escondida e, até então, intocada.

Sigo com o acontecido:

Ao ouvir isso, levantou-se indignado, murmurou ainda algo sobre minhas ideias morais e despediu-se. Ele é um dos muitos que acham que a moral nada tem a ver com a neurose, e que um pecado intencional deixa de ser pecado desde que seja eliminado intelectualmente pelo pensamento. É certo que eu tinha obrigação de expor minhas opiniões a este senhor. (JUNG, 2013b, p. 111-112, §182-183)

O que podemos observar deste caso é que fugir da própria Lei tem um preço. Se não pago conscientemente, pago compulsoriamente, desaguando em estagnação neurótica.

O referido paciente não era vocacionado à trambicagem. Não obstante, ele forçou seu caminho a isso. Ao ignorar as repercussões, os sinais sintomáticos de sua alma, feria sua personalidade. Usando de artifícios intelectuais e desculpas verbais vazias, tentava sustentar tamanha cisão consigo mesmo.

Mais à frente, Jung considera:

Se tivéssemos chegado a um acordo quanto a isso, teria sido possível o tratamento. Mas se tivéssemos começado o trabalho sem levar em conta a base impossível da vida dele, tudo teria sido em vão. Adaptar-se à vida com tais idéias só é possível para quem é criminoso. Mas esse paciente não era propriamente um criminoso; era apenas um dos chamados intelectuais que acredita a tal ponto no poder da inteligência de modo a achar possível eliminar pelo pensamento uma injustiça cometida. (2013b, p. 111-112, §182-183)

O que vemos nesse caso e em tantos outros é que a neurose é um “logro inconsciente” (JUNG, 2013b, p. 88-89, §154), um falso sofrimento que impede o desenvolvimento progressivo da personalidade.

A despeito da ilusória sensação de alívio decorrente da atividade consciente de se afastar de conteúdos desagradáveis (inconscientização integral ou parcial, um inconsciente artificial, que no começo da Psicologia Complexa, com influência da terminologia freudiana, Jung chamou de recalque), a neurose é um sofrimento sem mérito. O Mérito Moral consiste em um sofrimento consciente verdadeiro, causado por circunstâncias genuínas (completas, integrais) características da vida. “Os problemas recalcados e os sofrimentos que foram deste modo poupados fraudulentamente na vida produzem um veneno secreto...” (JUNG, 2013b, p. 89, §154).

Por assim dizer, a neurose é um duplo veneno. Primeiramente por condenar o sujeito a viver impropriamente, agir baseado em uma amputação de percepção e julgamento. O conteúdo inconsciente, negligenciado pela consciência, é, em virtude do *Horror Vacui* psíquico, associado e apropriado por conteúdos mais inconscientes, mais autônomos e mais primitivos.

O segundo veneno, é que tal ausência de consciência se formula como um segredo de si e dos outros, que se isola em uma experiência secreta, que não se compartilha e que os outros não entendem. É o banimento de uma vivência comunal, visto que “O que é oculto é segredo. O possuir um segredo tem o mesmo efeito do veneno, de um veneno psíquico que torna o portador do segredo estranho à comunidade.” (JUNG, 2013a, p. 69, §124).

Jung ainda completa:

A investigação profunda leva a comprovar em todos esses casos [de lapsos, comportamentos compulsivos e sintomas] a existência de um conteúdo que, interferindo de maneira indireta e inconsciente, agiu perturbatoriamente sobre o desempenho consciente. É por isso que, geralmente, um segredo inconsciente prejudica mais do que um segredo consciente. (2013a, p. 70, §127-128)

Saber do que se trata e como tratar a questão é importante, mas o caminho é longo. A neurose aflige o homem como um todo, ao passo que sua cura se desenrola no processo de crescimento da personalidade como um todo. De tal sorte, é exigido um trabalho integral da personalidade, um trabalho inclusive moral (JUNG, 2012a, p. 17-18, §280-281). Nesse sentido, só o entendimento (intelectual) não é suficiente.

Para que se tenha um real efeito de cura, faz-se necessário uma ação correspondente (JUNG, 2011b, p. 50, §84), um posicionamento firme de acordo com suas convicções saudáveis. Ou seja, alinhamento com sua Lei interior, sua Moral, sua Bússola de Si.

3.2 CONFLITO E DISCERNIMENTO

Trouxe em destaque, até aqui, um pouco de como o conteúdo inconscientizado pode significar em si uma desarmonia neurótica. Mas, para além, o que esse reconhecimento desencadeia? Qual o passo seguinte? Como lidar com esse conteúdo recém-adquirido?

O que foi descrito, então, foi o processo de infração da lei da vida do sujeito, seja uma lei social, seja uma lei inconsciente, seja uma lei individual, e suas respectivas consequências.

Não se pode agir contra Si sem pagar um preço. Esse preço é golpear a própria personalidade. Dividir-se em Si mesmo e abandonar parte da alma para as fertilidades obscuras inconscientes.

Ao passo, cria-se uma divisão de julgamentos: o que o Eu avalia querer-poder e a devida concepção inconsciente compensatória da unilateralidade.

Nas palavras de Jung e dentro desse enfoque de neurose:

A neurose é uma cisão interna. Na maioria das pessoas, essa cisão representa uma ruptura entre o consciente, que desejaria manter-se fiel a seu ideal moral, e o inconsciente, que é atraído por seu ideal imoral (no sentido atual da palavra) e que a consciência tudo faz para desmentir. Esse tipo de pessoa é o daquelas que gostariam de ser mais decentes do que no fundo são. No entanto, o conflito também pode dar-se no sentido inverso: há pessoas aparentemente muito indecorosas e desprovidas de convenções. No fundo, isso não passa de uma atitude pecaminosa, pois nelas o lado moral está no fundo, no inconsciente, da mesma forma que a natureza imoral no homem moral. (Por isso, sempre que possível, os extremos devem ser evitados, porque provocam a suspeita do contrário). (JUNG, 2012d, p. 31-32, §18)

Fazendo um pequeno adendo sobre o que Jung chama de “imoral” na citação: o contexto anterior no livro aponta para a oposição da cultura social como antagônica do instinto individual, estes impulsos instintivos sendo assim caracterizado por imorais (relativo à preferência sentimental pelo aspecto cultural comunitário). Desse modo, podemos abstrair que aqui Jung faz uma costureira relativização antinômica do termo: é imoral relativo a um dos polos, relativo à atitude da consciência. É um pouco do que ele fala quando, por vezes, traz o termo irracional em oposição à função pensamento. Muitas vezes não é irracional (ou imoral, ou inconsciente) de um ponto de vista absoluto e ontológico *per se*, mas sim algo que, nesse estado de oposição aberta, nega a racionalidade estabelecida. Portanto, podendo ser entendido, de forma mais abrangente, como além do moral ou racional, um outro sistema moral e um outro modelo de racionalidade, uma extramoral ou um extrarracional.

Retomo a linha anterior de raciocínio.

Havendo essa oposição compensatória, decorre uma disputa do Eu com seus conteúdos inconscientes, podendo estes, como já dito, desencadear uma neurose, a morte/neutralização do sistema energético adaptativo, um conflito aberto à consciência.

A cisão neurótica precisa então, em um movimento de regressão da libido, ser reconhecida e esclarecida. Mas e depois? Em nem todos os casos uma rememoração daquilo que foi perdido pela consciência é suficiente para uma cura.

Tentemos entender os casos em que não.

Nesses casos, o conteúdo que adquiriu força própria por dissociação do Eu é incompatível com a realidade consciente. Isso por diversos motivos, mas, em termos gerais, é “um conflito moral cuja razão última reside na impossibilidade aparente de aderir à totalidade da natureza humana” (JUNG, 2011a, p. 45, §204). Aqui muito vale destacar o termo “aparente”. Apresenta-se um conflito moral supostamente irresolúvel, no qual cada uma das partes se impõe autonomamente visando a realização de um fim específico (JUNG, 2011a, p. 205, §491).

Reconhecer e avaliar os indícios dessa existência outra é necessário, mas ainda há uma conciliação a ser feita. “Apelar, finalmente, para a razão seria muito bom, se, por sua natureza, o homem fosse um animal racional. Mas acontece que ele não é. Muito pelo contrário: ele é, no mínimo, tão irracional quanto racional.” (JUNG, 2013a, p. 92, §178). O que está em pauta é um embate moral, que não pode simplesmente ser racionalizado ou trapaceado.

Intuitivamente, o conceito de Moral nos é bastante próximo do julgamento sentimental de bom e mau. E não deixa de ser isso, enquanto um critério de julgamento daquilo que é compatível ou não com o sistema de regras a ser seguido. Cada moral pode discernir o que lhe é bom ou mau.

Vale ressaltar, ainda aqui não chegamos à solução em definitivo. Mesmo uma função tão negligenciada em nossa sociedade quanto a Sentimento ainda não é suficiente para dar conta da questão dissociada do resto do psiquismo. É o Símbolo que vai ter a Função Transcendente de costurar e superar a cisão, o Símbolo Unificador (JUNG, 2011a, p. 13 e seg., §131 e seg., 2012b).

Continuando, ter contato com sua moral interna individual não deixa de ser o comer do fruto proibido no Jardim do Éden; é diferenciar diretamente, por Si só, sem mediadores sociais ou mitológicos, o que pode ser julgado como bom ou como mau, Bem ou Mal; é ser expulso de um paraíso de respostas esquematizadas e entrar nas sutilezas e flexibilidades e rigorosidades desse tipo de julgamento. Conhecer o Bem e o Mal é um feito do qual não se pode escapar ileso.

Assimilar conteúdos inconscientes geram efeitos ainda problemáticos para o indivíduo, como os dois aspectos da “Semelhança à Deus” (JUNG, 2013c, p. 138-

140). Segundo observado empiricamente, nas mitologemas conhecidas e nos sonhos do homem moderno, isolamento é uma punição justa a se pagar por roubar o fruto, o fogo ou outro algo dos Deuses. Individualidade e isolamento andam de mãos dadas (palavras mérito do meu orientador).

3.3 DESENVOLVIMENTO MORAL

Em suma, o conflito pautado se arma a partir da unilateralidade da consciência. Portanto, apenas reconhecer sem costurar simbolicamente a oposição não é suficiente.

A única saída que a Psicologia Junguiana pode direcionar é a compreensão desse conteúdo sem negligenciar sua finalidade, possibilitando, com isso, o sacrifício da atitude unilateralizada, uma dissolução do Eu, e uma recomposição criativa restabelecadora do equilíbrio harmônico das atitudes gerais do psiquismo. (JUNG, 2011c, p. 257, §974)

Parece fácil de se falar, mas é algo conquistado com muito, muito esforço.

Superar esse conflito de opostos é gestar uma 3ª via diante de quem se é, uma que seja capaz de abranger e harmonizar as unilateralidades postas, uma atitude simbólica. Para sentir o peso que é a representação disso em imagens, Jung fala de um paralelo na cultura indiana: a renovação de Deus (2011c, p. 206, §323); é superar os opostos para que se chegue a uma nova vida em Brama (2011c, p. 209, §337).

É este o efeito benéfico esperado da participação inconsciente: uma transformação simbólica do Eu em substituto à cisão neurótica. O confronto moral de conteúdos psíquicos é o reconhecimento de ambos como legítimos, ainda que relativos, contraditórios e inicialmente inconciliáveis, mais a transformação em algo que dê conta dessa união. Fenômeno descrito em:

Se o recife da segunda identificação for circum-navegado com êxito [ater-se o tempo necessário ao conteúdo conflitante emergente], o acontecimento consciente pode ser separado nitidamente do inconsciente e este último pode ser observado objetivamente. Disso resulta a possibilidade de um confronto com o inconsciente e assim de uma síntese possível dos elementos conscientes e inconscientes do conhecimento e da ação. Ocorre novamente o deslocamento do centro da personalidade do eu para o si-mesmo. (JUNG, 2011b, p. 183, §304)

Desse modo, a dissociação neurótica será superada e o inconsciente (não mais tão inconsciente quanto antes) terá uma via de acesso mais saudável à vida. “Afim de contas é a realidade moral que decide, infalivelmente, entre a saúde e a doença.” (JUNG, 2013c, p. 165).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejo, com todos esses desdobramentos, ter demonstrado a Moral ser uma dinâmica psíquica atuante para a qual a psicologia deve atentar, seja em termos teóricos universais, seja na expressão individual enquanto prática analítica.

Nesse contexto, a pertinência deste estudo não se restringe a qualquer processo psíquico negligenciável. Como tantos outros, é um fenômeno complexo e delicado, desencadeador de sofrimentos (neuroses), estagnador ou vivificador de sujeitos.

Uma preocupação que deveria ser constante para a psicologia é a de não se tornar puro diletantismo intelectual. O berço (e fio condutor) da Psicologia Complexa é o sofrimento humano nos seus aspectos mais graves. Isso vai além do conhecimento puramente intelectual. É um posicionamento moral também por parte do psicólogo.

Neste lugar tão delicado, ao analista cabe a tarefa de propiciar enquanto contexto, catalisar o nascimento de uma atitude nova e mais saudável, gestada espontaneamente das raízes da alma do paciente. Portanto, como dever de ofício, ao analista é ainda mais imprescindível identificar quem é ele próprio, a que Lei seu psiquismo deve satisfação, como funciona seu centro regulador, quais sucessos e sacrifícios essa personalidade pode e deve oferecer.

Com efeito, espero ter corroborado com a compreensão da importância desse tema e ajudado pouco que seja a esclarecer as nuances psicológicas desses fenômenos. Encerro minhas considerações com a forte orientação de Jung em um questionamento oportuno a todos que se propõem analistas.

A questão fundamental para o terapeuta é não somente como eliminar a dificuldade momentânea, mas como enfrentar com sucesso as dificuldades futuras. A questão é esta: que espécie de atitude espiritual e moral é necessário adotar frente às influências perturbadoras, e como se pode comunicá-la ao paciente? (JUNG, 2011a, p. 18, §144).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, Análise dos Sonhos e Transferência**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, Carl Gustav. **A Energia Psíquica**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **A Vida Simbólica**: escritos diversos. 6. ed Petrópolis: Vozes, 2012c.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e O Inconsciente**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012d.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre Sonhos e Transformações**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.